

A PRODUÇÃO DE SABER/PODER E OS PROCESSOS DE DISCIPLINAMENTO NA ESCOLA: REVIVENDO O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

José Gerardo Vasconcelos*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo constitui parte de uma pesquisa que desenvolvemos sobre o pensamento de Michel Foucault, extensão do qual foram alguns seminários, proferidos na *Universidade Estadual do Ceará*, em maio de 1994, tendo como temática central *a Ética, a Violência e o Poder*.

Procuraremos entender aqui a possível relação do assunto com a escola, tomando-se em consideração o fato de que a possibilidade de atuação sobre os corpos dos indivíduos torna-se mais visível nos espaços institucionais. Isso não quer dizer porém, que o poder deixe de se manifestar nas demais esferas do cotidiano, pois que este grande objeto dos estudos de Foucault deve ser entendido como algo essencialmente relacional, produtor de saber e de subjetividade. Assim, pois, é que o autor da *Microfísica do Poder* se posiciona acerca da explicação dos movimentos do poder:

Quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana (FOUCAULT, 1986b: 131)

Mostraremos inicialmente, a elaboração do *disciplinamento* e a rede que passa a ser construída nas relações espaço-temporais, para, em seguida, podermos entender os possíveis reflexos da produção saber/poder na escola.

2 O PODER DISCIPLINAR, ESPAÇO E TEMPORALIDADE

O poder como instrumento de análise capaz de explicar a produção de saber e de subjetividade foi tema introduzido por FOUCAULT (1986a) no livro *Vigiar e Punir*, em que o autor discutira a história da violência nas prisões.

Dando continuidade ao projeto, FOUCAULT (1985) buscava, ainda, a mesma temática na *História da Sexualidade I - A vontade de saber*, mostrando os lugares determinados para que se falasse sobre a sexualidade, tecendo com efeito, processos discursivos de disciplinamento, consoante se pode inferir da certeza que lhe fez RAJCHMAN (1987: 45)

A História da Sexualidade termina solicitando-nos que consideremos que "um dia numa diferente economia de corpos e de Prazeres", as pessoas já não entendam por que razão, durante milênios, desenvolvemos uma cultura da confissão com relação ao sexo.

É bem verdade, antes da discussão do *poder disciplinar*, FOUCAULT (1993) indica pontos fundamentais na *História da Loucura*, principalmente no que se refere à crítica contundente ao historicismo, pois recortava vários períodos fundados na descontinuidade, possibilitando o entendimento e a produção de um saber específico gerado com a loucura. Isso não poderia ser feito de forma linear ou teleológica. É que não faz sentido tornar a loucura historicista. Seria *razoável* demais acreditar em tal possibilidade. MAJOR (1994), expressa leve sobresalto a respeito da inexistência de liames entre loucura e sexualidade:

* Professor Assistente do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

Relendo Foucault, fiquei surpreso pela ausência de relação, em sua obra, entre a loucura e a sexualidade. Existe, é verdade, uma história foucaultiana, a história de uma obra, de um percurso que vai da História da loucura à História da Sexualidade, mas é a história de duas histórias diferentes, de duas histórias "impossíveis" sob muitos aspectos, senão essencialmente impossíveis, tanto é verdade que a loucura e a sexualidade são sem história (MAJOR; 1994:44)

É de necessidade, ainda, registrar que as análises de FOUCAULT (1995) descritas na *Arqueologia do Saber*, insurgem-se contra as grandes narrativas, os longos períodos, e apresenta a descontinuidade e a noção de acontecimento. Para MACHADO (1986b), essas tematizações refletem sobre as precedentes análises históricas com o objetivo não só de explicitar ou sistematizar mas sobretudo de clarificar ou aperfeiçoar os princípios formulados a partir das próprias exigências das pesquisas (MACHADO, 1996b: x)

A análise do poder em FOUCAULT (1986b) opõe-se ao Iluminismo e ao projeto supostamente "humanista" da modernidade, denunciando os processos simbólicos de adestramento e de violência.

Há numerosas indicações de que, pelo menos como intelectual, Foucault era fortemente contrário a muito do que descobriu em nossa história "profunda". Ele opunha-se profundamente, arqueologicamente, aos meios "racionalistas" ou tecnocráticos que a nossa civilização criara para lidar com a loucura, a doença, o crime e a sexualidade(...) até mesmo em As Palavras e as Coisas, é claro que Foucault é hostil à cultura que coisifica o homem e insiste com o leitor para que adira à idade pós-humanista por ele prevista (RAJCHMAN, 1987: 43).

Ao mesmo tempo, põe a ressaltar a inviabilidade das reformas dos manicômios e das prisões, o que dificultaria aos seus oponentes simplesmente apartá-lo de projetos emancipatórios. No caso das instituições carcerárias o próprio autor de *Vigiar e Punir* argumenta:

sabe-se que a prisão não reforma, mas fabrica a delinquência e os delinquentes. É este o momento em que se percebe os benefícios que se pode tirar dessa fabricação. Estes de-

linquentes podem servir para alguma coisa, pelo menos para vigiar os delinquentes (FOUCAULT, 1986b: 136)

A concepção de poder em FOUCAULT (1986b) não é edificada somente no aspecto repressivo, mas, essencialmente, na sua dimensão produtiva e/ou de adestramento. É melhor vigiar do que punir. É por isso que ele polemiza com as noções que simplificam o poder, analisando-o somente no aspecto negativo, consequentemente, em torno da força e da repressão.

Ora, me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica desse mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força e a repressão. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder, que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT: 1986b: 7 e 8).

Essa abertura teórica, na realidade, vai insurgir-se contra as concepções clássicas de poder, inaugurando outro olhar sobre a realidade. Recuperar teoricamente um espaço de questionamento acerca da repressão mostrando que o funcionamento das instituições é muito mais complexo que as tentativas simplificadoras denominadas por FOUCAULT (1986b) de Teoria Jurídica do poder ou Economicismo da Teoria do Poder. Para isso, seria necessário que a polemica fosse extensiva aos pensadores contratualistas como HOBBS (1983), LOCKE (1983) e ROUSSEAU (1983), sem, contudo, deixar de criticar algumas leituras do marxismo.

Se o primeiro modelo, segundo Foucault, concentra o poder numa ordem contratual ou num pacto de associação como mediador do poder de estado, o segundo - concepção marxista do poder - aponta para a funcionalidade econômica no sentido de que o poder desempenha um papel restrito às relações de produção, dando um lugar de destaque à chamada luta de classe. Para FOUCAULT (1986b),

o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força. Questão: Se o poder se exerce, o que é a sua mecânica? (FOUCAULT, 1986b: 175).

É nesse caso que a concepção de FOUCAULT (1986b) se propõe a inverter o posicionamento e o ângulo de visualizar a repressão. Analisa os mecanismos de poder partindo de níveis mais baixos e periféricos. Tal, porém, não significa que o particular se esgote em si. Na realidade, os fenômenos particulares estão articulados com os níveis mais gerais da produção discursiva e de saber, o que pode levantar um movimento que vai do particular ao universal, com retorno no inverso sentido.

O que Foucault critica não é o universal em si, mas as visões dedutivas do poder, visão que bem pode ser demonstrada em cinco precauções metodológicas expostas por ele.

Em primeiro lugar, sua preocupação é com não perder as ramificações do poder, de maneira que as centralizações extremadas, além de simplificarem, podem ensejar destruições tentaculares da realidade e do poder. É necessário, nesse caso, que as análises sejam deslocadas do centro para as zonas periféricas. Como assinala o próprio autor, não se trata de analisar as formas regulares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar (FOUCAULT, 1996b: 182).

Em sentido assim, trata-se, de captar o poder nas formas cada vez menos jurídicas, que possam ser expressas fora do âmbito das normalizações, ultrapassando os aparatos e os esquemas repressivos. A rede tentacular que ocupa a esfera do mundo vivido é o espaço que leva a tona as análises de FOUCAULT (1996b), retirando o poder do seu centro, entendendo-o como realmente é, a forma como é exercido, seu modo de atuação e a maneira de transformar os indivíduos.

O segundo cuidado é o entendimento do poder não a partir de quem o detém, mas das manifestações, práticas e seus exercícios efetivos. É, nesse caso, que o poder não pode ser corporificado ou concentrado, mas entendido como *processo contínuo e ininterrupto, processos de funcionamento, processos de sujeição*.

Estudar o poder onde sua intenção - se é que há uma intenção - está completamente investida em práticas reais e efetivas; estudar o poder em sua face extrema, onde ele se relaciona direta ou indiretamente com aquilo que poderemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo ou seu campo de aplicação, quer dizer, onde ele se implanta e produz efeitos reais (FOUCAULT; 1996b: 182)

Esse raciocínio é precisamente contrário ao modelo hobbesiano, que quer explicar efetivamente quem tem o poder e, no processo do pacto de associação, concentrá-lo no *corpo* do soberano. O indivíduo para FOUCAULT (1996b) não é o outro do poder, mas um de seus principais efeitos.

A terceira precaução vem propor que o poder seja analisado de forma heterogênea e não como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo, pois que só deve funcionar em *cadeia*, uma vez que circula os corpos dos indivíduos. O caráter de homogeneização questionado pelo autor de *Eu, Pierre Rivière...* é apresentado como dimensão compactada de dominação, podendo ser de um indivíduo ou de um grupo sobre o outro. Afirma sobre isso que se deve ter bem presente que o poder - desde que não seja considerado de muito longe - não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. (FOUCAULT; 1996b: 183)

É essa dimensão circular que movimenta o poder, de maneira que este não se aplica aos indivíduos, mas passa por eles, efetuando relações produtivas e discursivas. O indivíduo é um efeito do poder e, concomitantemente, seu centro de transmissão. As análises homogêneas do poder impedem esse movimento, simplificando, assim, as individualidades como vítimas do poder e da violência.

A desconfiança de Foucault em relação à análise descendente do poder é a quarta cautela proposta. O que pode haver nesse tipo de análise é um falseamento da realidade a partir de vastos processos de homogeneização, podendo, destarte, chegar a conclusões simplificadoras. A dedução é sempre possível, é sempre fácil e é exatamente essa a crítica de Foucault. Na realidade, há um movimento de inversão e uma prioridade aos mecanismos efetivos do poder, sem soltar sua dimensão histórica e sem se perder apenas num processo dedutivo.

O que faço é o inverso: examinar historicamente, a partir de baixo, a maneira como os mecanismos de controle puderam funcionar: Por exemplo, quanto a exclusão da loucura ou a repressão e proibição da sexualidade, ver como, ao nível efetivo da família, da vizinhança, das células ou níveis mais elementares da sociedade, esses fenômenos da repressão ou exclusão se dotaram de instrumentos próprios, de uma lógica própria, responderam a determinadas necessidades: mostrar quais foram os seus agentes, sem procurá-los na burguesia em geral e sim nos agentes reais (que podem ser a família, a vizinhança, os pais, os médicos, etc.) (FOUCAULT, 1986b: 185).

As simplificações do tipo marxista em que a burguesia explica todos os mecanismos de dominação, incluindo o manicômio, a sexualidade infantil, a escola, a prisão e demais instituições como reflexos da luta de classe passa a ser questionada por FOUCAULT (1996b). Ele abre a possibilidade para que o poder seja entendido em seu funcionamento concreto, ou seja, no que é próprio do poder e nas suas ligações tentaculares e moleculares.

A quinta diligência metodológica de FOUCAULT (1996b), no que se refere ao poder disciplinar, é com a *ideologia*, o que implica afirmar que o poder, se quer funcionar, tem necessariamente que produzir mecanismo de saber inerente ao limiar espaço-temporal no sentido de atender aos processos simbólicos que não necessariamente são ideologias, pois não podemos afirmar que as representações fazem mover o poder como uma força mecânica e exterior, mas a efetivação de mecanismos de saber é que podem ser articulados ao poder.

Aqui, o poder deve ser tematizado a partir de técnicas e táticas de dominação, situando-o fora do modelo do leviatã de HOBBS (1983). Consoante a lúcida intervenção de MACHADO (1988: 194), É importante notar que a disciplina nem é um aparelho, nem uma instituição: ela funciona como uma rede que os atravessa sem se limitar a suas fronteiras, é uma técnica um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder.

3 ESCOLA, PODER DISCIPLINAR E IDEOLOGIA

Tematizar a escola em meio a essa rede de disciplinamento é entendê-la como instituição de

vivências, disputas de conhecimento, de processos simbólicos, mas principalmente, de relações de poder, de saber e de violência.

A escola poderá ser estudada como um espaço onde as relações de poder se manifestam de formas efetivas, em que os agentes sociais devem ser buscados concretamente entre professores, alunos, diretores e funcionários, ou em suas manifestações e ramificações tentaculares, geradoras de olhares múltiplos, de vigilâncias perpétuas que podem ser visualizados em códigos e processos normalizadores.

O que não podemos é simplesmente chegar a uma identificação entre poder e ideologia para conceituar a escola. Foucault, mesmo sem negar a ideologia, mostra que, na base, nas ramificações, esta não acontece necessariamente.

...houve provavelmente, por exemplo, uma ideologia da educação; uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar etc. Mas não creio que aquilo que se forma na base seja ideologia: é muito menos e muito mais que isso. São instrumentos reais de formação e de acumulação de saber: métodos de observação, técnicas de registros, procedimentos de inquéritos e de pesquisas, aparelhos de verificação (FOUCAULT, 1986b: 186).

A centralidade da preocupação foucaultiana torna-se evidente: é com o funcionamento do poder. Ele não parte de algo já estabelecido, mas quer mostrar a tecnologia do poder, ou seja, como se exerce, o que ele produz e que tipo de indivíduos seriam gerados para atender às instâncias de adestramento da sociedade, como ocorre com a *escola*. Esta, para alguns pensadores como BAUDRILLARD (1996) já deixou de existir, pois todos os espaços e temporalidades são marcados pela violência e pela cultura do medo, onde as trocas simbólicas seriam inviabilizadas e a única possibilidade estaria na violência teórica:

...se a fábrica já não existe, é que o trabalho está em toda parte - se a prisão não existe mais, é que o seqüestro e a reclusão estão em todo lugar no espaço/tempo social - se o asilo deixa de existir, é que o controle psicológico e terapêutico se generalizou e banalizou - se a escola acabou, é que todas as fibras do processo social estão impregnadas de disciplina e de formação pedagógica (...). Se o cemitério não existe mais, é que as cidades modernas inteiras assumem essa

forma: são cidades mortas e cidades de morte (BAUDRILLARD, 1996: 173)

Esse pânico pós-moderno de redefinições espaço-temporais revela o lado caótico de uma época marcada pela violência, quando a morte seria lançada contra a morte. A escola insere-se nesse processo. Contudo, não poderemos identificar imediatamente poder e força com matriz exclusivamente em um lugar comum, mesmo que este seja supostamente o *locus* de produção de verdade e de saber. Como afirma FOUCAULT (1986b),

Não se pode compreender nada sobre o saber econômico se não se sabe como se exercia, quotidianamente, o poder, e o poder econômico. O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. O mandarinato universitário é apenas a forma mais visível, mais esclerosada, e menos perigosa, dessa evidência. É preciso ser muito ingênuo para imaginar que é no mandarim universitário, que culminam os efeitos de poder ligado ao saber. Eles estão em todos os lugares, muito mais difusos, enraizados, perigosos, que no personagem do velho professor (FOUCAULT, 1986b : 142)

A abertura que Foucault constrói, de um lado, mostra a positividade do poder, mas, de outro, revela a parte escondida por todas as teorias do poder. No caso da escola, a idéia que vigorou durante muito tempo e foi reforçada por um certo marxismo era a de que a escola seria mero reflexo da *ideologia dominante*. Não se chega à idéia como mostra (MUCHAIL, 1985: 199), de que as instituições estão articuladas ao surgimento de saberes e ao exercício de um poder disciplinar.

Desde o começo a prisão deveria ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade (FOUCAULT, 1986b: 131 e 132).

Se o fracasso das instituições carcerárias é visível, pois só consegue produzir novas formas de criminalidade no seu interior, gerando indivíduos

marcados cada vez mais pelo ferro em brasa da violência, a escola conseguiria realmente ser geradora de conhecimento?

Até onde a escola, mantenedora do saber formal, sistematizado e repassado, consegue garantir um espaço de vivência, de liberdade, democracia e de formação integral do homem? Muitas indagações poderiam ser remetidas ao espaço institucional da escola. Contudo é preciso lembrar que as respostas nem sempre abrigam verdades. Determinadas interrogações podem ficar sem resposta, como, por exemplo, o caso de *Pierre Rivière*, um camponês de cerca de 23 anos, que mal sabia ler e escrever, mas teria aprendido durante a sua prisão preventiva a tarefa de detalhar o seu crime, o assassinato da própria mãe, de sua irmã e de seu irmão, em junho de 1935. FOUCAULT (1988) encontra um manuscrito onde o camponês apresenta os detalhes do parricídio. O que mais assustava na época era o silêncio dos especialistas frente a lucidez do estilo de Rivière. A beleza do manuscrito encanta Foucault, mas, principalmente, a disputa discursiva entre os vários tipos de saber.

Todos eles, e em sua heterogeneidade, não foram nem uma obra nem um texto, mas uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos. E ainda dizer uma batalha não é dizer o bastante; vários combates desenrolaram-se ao mesmo tempo e entrecruzando-se: os médicos tinham sua batalha, entre eles, com os magistrados, com o próprio Rivière (FOUCAULT; 1988:XII)

Estudar a escola, hoje, provavelmente encanta pelo emaranhado discursivo gerado em torno do chamado espaço institucional. Os seus vários produtores de saber cada vez mais amparam-se em novas verdades que na maioria das vezes, são as mesmas mentiras que fazem matrizes, centralizadoras, homogêneas, que, ao obstar que a história jorre, impedem também que a escola seja emancipadora, libertadora e produtora de novos caminhos.

4 CONCLUSÃO

novidade teórica proposta por FOUCAULT (1986a) é a caracterização de um tipo específico de

poder produtor de saber, cuja positividade discursiva processa elementos contundentes que levam à formatação dos indivíduos. Não adianta, nesse caso, somente reprimir, dizer não ou massacrar os corpos dos indivíduos, produzindo mil mortes, conforme mostra FOUCAULT (1996a) no *Vigiar e Punir*. O poder disciplinar é acima de tudo heterogêneo, relacional e pode ser encontrado em toda parte, pois circula os corpos dos indivíduos, adestrando-os conforme os interesses do sistema. A rigor, esse tipo de poder nem existe, pois não tem uma essência. O que temos são práticas e relações efetivas de poder inerentes ao mundo vivido.

É a partir dessa nova prática de poder que poderemos entender os novos mecanismos de controle exercido no interior da escola, isto é, a sutileza do poder, que, detalhadamente, enquadra os indivíduos como criaturas dóceis, adestradas, prontas a cumprir os papéis necessários exigidos pela grande máquina social moderna. Mas FOUCAULT (1986a) é essencialmente moderno, compartilhando as mesmas preocupações, sem, contudo, apresentar um projeto legitimador do instituído. Critica as meta-narrativas, insurge-se contra toda e qualquer espécie de dominação, não poupa críticas aos historiadores, aos psiquiatras, ao cristianismo e, implicitamente, à pedagogia.

5 BIBLIOGRAFIA.

BAUDRILLARD, Jean. *A Troca simbólica e a morte*. São Paulo, Loyola, 1996.
FOUCAULT, M. *história da sexualidade I - a vontade de saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1985.

- _____. *Vigiar e Punir - história da violência nas prisões*, Petrópolis, Vozes, 1986a.
_____. *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986b.
_____. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, Rio de Janeiro, Graal, 1988.
_____. *História da loucura*, São Paulo, Perspectiva, 1993.
_____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1995.
HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*, In, *Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1983
LOCKE, J., *Segundo Tratado sobre o Governo*, In *Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1983
MACHADO, Roberto, *Ciência e saber - a trajetória da arqueologia de Foucault*, Rio de Janeiro, Graal, 1988
_____. In. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986b
MAJOR, René. *Crise de Razão, Crise de Loucura ou "a Loucura" de Foucault*, In. *Foucault - Leituras da História da Loucura*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
MUCHAIL, Salma Tannus, *O Lugar das Instituições na Sociedade Disciplinar*, In *Recordar Foucault*, Renato Janine Ribeiro (org.), São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
RAJCHMAN, Jonh. *Foucault: A liberdade da filosofia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
ROUSSEAU, J.J., *Do Contrato Social*, In *Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1983.